

Elegia da Chuva ao Anoitecer

José Santiago Naud

Bem difícil é o caminho na bruma
ao anoitecer, sem que a alma sinta a mancha
da memória, ou saudade
difícil de definir,
coando-se pelos galhos.

Bem difícil é suportar a chuva
ao anoitecer, sem que os pés se molhem
ou a alma se encharque de lembranças
da infância,
guardada em velhos baús.

Porque é difícil, ai,
marchar sobre a terra
quando as fontes do céu se rompem
e tudo inundam.

Quando morre um homem,
alguma coisa se vai
mas todo ele fica, na libertação dos gestos
que memorizam no sangue
a lembrança de um adjetivo
muito comum aos vivos se referindo aos mortos.

O próprio morto esquece talvez
que o seu caminho ao anoitecer era, sem dúvida,
o mais consentâneo com as faces
ruborizadas no silêncio,
o pensamento inconfessável
equivoco demais para escorrer dos galhos.

E o morto, então,
lá do mundo aninhado no mais fundo
de nós – que ainda vivemos,
soluça implorando a Deus na penumbra do juízo
o legado melhor que os vivos lhe deixaram:

Requiescat in pace.

Estátua

José Santiago Naud

Retesa na tarde azul os membros fortes,
firme, o disco retém e espreita o alvo.
O discóbolo!

É em si

e, no arremedo
do arremesso, o ser todo projeta.
O alvo é a distância, só.
Na rigidez
escorre devagar o gesto humano,
viva imagem
na pedra morta ensaia
a perene presença de outro tempo
em sua forma ancorado.

Contra o tempo fugaz, onda indetida
a horizontal do braço adeja-lhe uma pomba,
e a eternidade poussa.

O gesto fica.

Poema

José Santiago Naud

Quem me dera
que eu chegasse à simplicidade
de enxugar a chuva
no rosto da mulher que passa.

Construiria em mim
a calma que o Natal edifica nas árvores
ao largo da matriz.

Arqueologias

José Santiago Naud

As tumbas são os melhores testemunhos
se falta a inteira luz da nossa voz,
ignoto umbro,
ignoto vêneto,
ignoto toscano.

Tudo incompleto
nas sobras do vosso íntimo saber,
mas que força
e devoção,
que presença
nos restos da identidade que sobrou!

Cão de Plumas

José Santiago Naud

Em cima
 ou embaixo
trazemos sempre conosco
o chão das metáforas –
cão de plumas
cão de águas
cão de estrelas

Cão Maior
 ou menor
na curvatura dos céus.

E, mais para lá,
a memória.

Cantares de Nossa Senhora

José Santiago Naud

Livro I, 3

Era preciso que Deus baixasse
e nos desvão da carne celebrasse
a aliança com o eterno.
Mas devia vir nu, o Deus,
sem uma pedra que lhe amparasse a cabeça,
nem placentas, submisso
e ancorado na vária geração.

Como nas vastas peregrinações
em que o homem equilibra
a partilha e o anseio,
se te exigia o máximo

de virgem e de mãe.
Era preciso reunir como o andarilho,
no olhar, todos ao povos.

E tu ouviste o anjo.

Tu foste a casa e a flor,
o jardim e a lareira
ajudando, para sempre,
o espírito no tempo.

Livro II, 3

A pomba estava solta,
e solta na ventura
de voar sem pousar
em torno ao nada.

A pomba estava solta
sobre a carne atingida,
sem as seivas da origem
sem ventura nem nada.

E a pomba, solta e alta,
amorosa, diversa
às luzes mais estranhas
trocou pela aventura
a ventura. E pousou.

Que tranqüilas entranhas
deram então o frêmito
à vontade de ser. E o imenso,
no limite da forma inanimada
abre rosas de céu
ao que, mais fundo, fica
alcançe do homem, fim
do nada.

Palestra

Martins d'Alvarez

Meus senhores e senhoras,
aqui está vosso criado.
Como vão passando todos ?
Eu passo bem, obrigado !

Só estou é um pouco magrinho,
pois estudei a valer.
Fiz bonito nos exames.
Querem as notas saber ?

Em leitura ?... Não me lembro.
Mas em Cálculos fui roubado !
E isso me deu tanta raiva
que me estragou o Ditado.

Até em Comportamento
minha professora errou.
Ao invés de me dar 10,
deu-me zero, se enganou.

Afinal, errar é humano...
E atrás de um ano, outro vem...
Meus senhores e senhoras,
adecusinho ! Passem bem !